

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 4
Setúbal 2014**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**



ENTREVISTAS

ARQUEÓLOGOS SETUBALENSES
CARLOS TAVARES DA SILVA
VICTOR S. GONÇALVES



1



2



3



4

Carlos Tavares da Silva

Meio Século de Investigação Arqueológica

Carlos Tavares da Silva completou em 2013 cinquenta anos de actividade arqueológica. Nasceu em Setúbal, em 1 de Dezembro de 1944, cidade com a qual mantém forte identificação. Ao mesmo tempo que cursava Biologia na Faculdade de Ciências de Lisboa, adquiria formação em Arqueologia nos Serviços Geológicos de Portugal, tendo como mestres Georges Zbyszewski e Octávio da Veiga Ferreira. Viria a dedicar-se profissionalmente à Arqueologia, tendo sido um dos primeiros arqueólogos profissionais, em 1972, no Gabinete da Área de Sines, antes mesmo da institucionalização daquele domínio científico em Portugal.

Carlos Tavares da Silva, apesar do muito tempo que dedica à investigação, à leitura, à escrita, não abdica da intervenção cívica, e possui uma viva consciência política, a mesma que o levou a ligar-se ao Partido Comunista Português em 1969, a co-fundar o Círculo Cultural de Setúbal, a Associação para a Salvaguarda do Património Cultural e Natural da Região de Setúbal (Salpa), o Centro de Estudos e Defesa do Património Histórico do Distrito de Setúbal (Depa), o Centro de Estudos Bocageanos, a integrar os corpos directivos da Universidade Popular de Setúbal Bento de Jesus Caraça e da Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão (LASA).

Em Abril de 1974, fez parte da Comissão Nacional do Movimento Democrático Português, ao lado de José Tengarinha, Pereira de Moura, entre outros, mas a carreira política que se lhe oferecia não o motivou. A Arqueologia sim! Ainda estudante começou a escavar no povoado da Rotura. Mas a breve prazo, em 1972, passou a dedicar-se profissionalmente a esse domínio. Em 1974/75, com a democratização do país e a institucionalização da arqueologia, Carlos Tavares da Silva transformou-se num símbolo da profissionalização neste domínio científico, e participou em todas as etapas da emancipação desta disciplina científica. Actualmente, é reconhecido como um destacado arqueólogo português, que concilia uma sólida

formação na área das Ciências Naturais com as Humanidades, sedimentada pela experiência e pelo “seu esforço sem esforço” de actualização contínua e pela sua capacidade de interrogar, debater, inovar e partilhar. A fundação do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal ficou a dever-se ao seu empenho e luta, no quadro de um ambiente colectivo favorável, é certo, e aberto à valorização da ciência e da cultura proporcionado pela Revolução de Abril.

Musa: Tendo as suas origens numa família da classe média, ligada à indústria, muito cedo entrou em ruptura com “Deus, Pátria e Família”.

C.T.S.: O Salazarismo criou no país uma atmosfera irrespirável. Muitos jovens da minha geração tiveram de desistir do seu país para sobreviver, um pouco como está sucedendo agora com os fluxos migratórios da nossa população jovem. Claro que hoje, teoricamente, não há a repressão policial de outrora, mas repare que a tão propalada liberdade em que vivemos não passa de uma falácia. Numa sociedade cada vez mais desigual, em que o acesso à justiça é restrito, onde a pobreza atinge milhares de pessoas, com o Serviço Nacional de Saúde em desmantelamento, com altos picos de mortalidade entre a população idosa, subnutrida, sem acesso aos cuidados de saúde e aos medicamentos, sem rendimentos para aceder a lares, nem tão pouco ao aquecimento durante a estação fria... Mas estou-me desviando da sua pergunta. Deixe-me ser eu a interrogar. Quem responderá por estes crimes silenciosos? Acha que neste contexto é possível falar de liberdade? O sistema político caiu em descrédito, como não podia deixar de acontecer face à corrupção generalizada a que infelizmente assistimos diariamente, e na qual estão envolvidas altas personalidades da vida pública. Para lhe responder directamente, digo-lhe que foi por imperativo de consciência que desde muito novo me tornei um cidadão de esquerda, pugnando por uma sociedade baseada no igualitarismo económico. Utopia? Para mim, a única via para a verdadeira democracia e para o futuro da nossa espécie.

Figs.: 1 - Com Joaquina Soares no dólmen da Pedra Branca, Melides, 2012; 2 - Com Françoise Mayet no Castro de Chibanes, 2006; 3 - No Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS, 2009; 4 - Carlos Tavares da Silva na Conferência Internacional sobre Pré-história das Zonas Húmidas e Paisagens de Sal, com João Luís Cardoso e Sónia Gabriel, 2011.

Separador: Víctor S. Gonçalves e Carlos Tavares da Silva, em Coruche, 2012.

Carlos Tavares da Silva dirige o Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS, museu de que foi fundador. Tem exercido funções docentes, no domínio da Pré-história, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Universidade Aberta e Instituto Universitário Ortega y Gasset (Madrid). É colaborador do Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e tem integrado júris de mestrado e doutoramento nesta faculdade e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Preside à Comissão Científica da Jazida de Tróia. Dirigiu as Unidades de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines e do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. É membro da Academia Portuguesa da História e da União Internacional das Ciências Pré e Proto-históricas. Tem integrado comissões organizadoras e/ou científicas de simpósios e congressos, alguns de âmbito internacional como a I Mesa Redonda Luso-Espanhola sobre a Pré e a Proto-história do Sudoeste Peninsular (1985), o I Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica (1991), o Colóquio Internacional “O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo” (1996), o 6th Annual Meeting European Association of Archaeologists (2000), Simpósio Internacional sobre a Produção e Comércio de Preparados Piscícolas Durante a Proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica (2004), VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos (2005), XV Congresso da União Internacional das Ciências Pré e Proto-históricas (2006). Foi delegado da Junta Nacional de Educação; membro das Comissões Instaladora e Científica e do Conselho Geral do Parque Natural da Arrábida, do Conselho Geral da Reserva Natural do Estuário do Sado, da Comissão Organizadora e da Secção de Arqueologia do Conselho Consultivo do Instituto Português do Património Cultural (IPPC). Foi distinguido com o Prémio Gulbenkian - Arqueologia, 2004 e com a Medalha de Honra da Cidade de Setúbal (actividades culturais). Tem proferido numerosas conferências e organizado seminários. No domínio do Associativismo Cultural, salienta-se a co-fundação do Circulo Cultural de Setúbal e a actividade desenvolvida na Universidade Popular Bento de Jesus Caraça. É autor de vasta obra publicada, de que se destacam os livros: “Pré-história da Área de Sines”, 1981 (com Joaquina Soares); “Arqueologia da Arrábida”, 1986 (com Joaquina Soares); “Pré-história de Portugal”, 1993 (com Armando Coelho da Silva e Luís Raposo); “Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana”, 1993 (com Joaquina Soares); “Património Arqueológico do Distrito de Setúbal. Subsídios para uma Carta Arqueológica”, 1993 (com C. J. Ferreira, F. S. Lourenço e P. de Sousa); “Les Amphores du Sado (Portugal)”, 1996 (com Françoise Mayet e Anne Schmitt); “L’Atelier d’Amphores de Pinheiro (Portugal)”, 1998 (com Françoise Mayet); “L’Établissement Phénicien d’Abul (Portugal)”, 2000 (com Françoise Mayet); “L’Atelier d’Amphores d’Abul (Portugal)”, 2002 (com Françoise Mayet); “Abul: Fenícios e Romanos no Vale do Sado”, 2005 (com Françoise Mayet); “Territórios da Pré-história em Portugal: Setúbal e Alentejo Litoral”, 2006 (com Joaquina Soares); “Olaria Romana do Pinheiro”, 2009 (com Françoise Mayet). É co-director da revista “Setúbal Arqueológica”.



Carlos Tavares da Silva. Chibanes, 2006.

M.: Em Setúbal, há um sítio, o MAEDS, para onde convergem o melhor da sua capacidade produtiva, das suas sociabilidades, dos seus afectos. O interesse pela Arqueologia de Setúbal tem sido transversal à sua carreira científica?

C.T.S.: Sem dúvida. Foi na região de Setúbal que iniciei a minha actividade arqueológica nos anos 60 do século passado, quando efectuei trabalhos de escavação no povoado calcolítico da Rotura, no sopé da encosta sul da Serra de S. Luís, trabalhos que deram a conhecer uma das primeiras sequências estratigráficas para o III milénio A.C. na Estremadura. Bem próximo da Rotura, no Pedrão, patamar rochoso da encosta nascente daquela serra, tive a oportunidade de realizar escavações, ainda nos anos 60, com Mateus Gonçalves Cabrita (que viria a seguir Medicina com especialização em ortopedia); retomei nos inícios da década seguinte, com Joaquina Soares, a intervenção arqueológica no Pedrão, agora em extensão, o que permitiu pôr a descoberto todo um conjunto arquitectónico de meados do século I a.C., período correspondente ao impacto dos exércitos de Roma sobre as populações autóctones da Idade do Ferro. Esta ocupação fortificada assentou sobre estrato pré-histórico, dos inícios do Calcolítico e do Horizonte Campaniforme, da segunda metade do III milénio A.C.. Ainda nestes anos, interessei-me pela romanização da região de Setúbal, o que me levou a intervir pontualmente na estação arqueológica da Comenda, estabelecimento romano de economia agro-marítima, de uma tipologia com bons paralelos no litoral algarvio, como a *villa* da Quinta do Marim (Olhão), onde viria a escavar em 1988-89, por iniciativa do Parque Natural da Ria Formosa. Entristece-me que um património arqueológico tão importante como o da Comenda, em pleno Parque Natural da Arrábida, com oficinas de produção de salgas de peixe e balneário com mosaicos, em funcionamento do século I d. C. ao século V, se encontre votado ao mais absoluto abandono, afectado por erosão marinha e delapidação antrópica.

M.: E a Arqueologia da cidade de Setúbal?

C.T.S.: Nos inícios dos anos 70, fui nomeado delegado da Junta Nacional de Educação para os concelhos de Palmela e Setúbal, o que me levou, entre outras acções, a acompanhar a ocorrência de obras públicas e privadas com afectação do subsolo, na área do chamado Centro Histórico de Setúbal. Assim, tive oportunidade de confirmar a existência de extensa e potente sequência estratigráfica da época romana, mas foi somente com a criação do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e no âmbito do seu Centro de Estudos Arqueológicos que passei a coordenar o projecto de investigação sobre as preexistências de Setúbal, o que permitiu recuar a origem da ocu-

pação humana da cidade até à transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro. Podemos hoje afirmar que Setúbal possui pelo menos 27 séculos de história.

M.: A ampla diacronia contida no projecto sobre as preexistências de Setúbal exige um fôlego difícil de encontrar em uma mesma pessoa, quando vivemos organizados em compartimentos fechados, ou seja, em redutos de hiperespecialização que nos tolhem por vezes o olhar e a inteligência para voos mais largos. Como responde a este desafio?

C.T.S.: Como dizia Nino Lamboglia, eminente estudioso da arqueologia mediterrânea, infelizmente já falecido, “um bom arqueólogo deve estar apto a escavar e a estudar qualquer contexto produzido por sociedades humanas, independentemente da geografia e da cronologia”. O que interessa são as problemáticas socio-económicas a que o registo arqueológico pode responder. No caso concreto do subsolo arqueológico de Setúbal, o maior arquivo histórico que a cidade possui, como gosto de sublinhar, é possível acompanhar as dinâmicas económicas, sociais, urbanísticas, demográficas no tempo longo e analisar as vantagens e constrangimentos pelos quais a cidade passou, bem como a sua capacidade de responder a momentos de crescimento e depressão, assegurando a sustentabilidade. Mesmo em situações de grave desurbanização, como a da Alta Idade Média, um fio de vida urbana persistiu associado ao porto. Mas é bom termos presente que a prática arqueológica requer uma organização do trabalho em equipa, como a existente no Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS, onde, para lá dos grandes temas transversais, ocorre a especialização dos arqueólogos que a constituem. Situações existem em que colegas de outras áreas disciplinares como as da bio-anthropologia, arqueozoologia, paleobotânica, petrografia, química, são chamados a participar em projectos da responsabilidade do MAEDS.

M.: Publicou o seu primeiro estudo em uma típica zona de cruzamento da arqueologia com a zoologia. A arqueozoologia só muito recentemente foi autonomizada em Portugal dentro das chamadas arqueociências. De certa forma, foi um pioneiro neste domínio e um persistente paladino da multidisciplinaridade em Arqueologia. Certamente não será por acaso que a partir de 1994 lecciona no Curso de Mestrado de Pré-história e Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa o seminário *Sociedades Pré-históricas de Mariscadores* ?

C.T.S.: De facto, a publicação, em 1963, sobre a fauna malacológica do Castro da Rotura corresponde à síntese dos meus campos de interesse à época, por um lado a geologia e biologia e por outro a arqueo-

logia. Em particular a arqueomalacologia foi sempre um domínio que me apaixonou e que só nos últimos anos ganhou novos adeptos. Devo acrescentar que a interdisciplinaridade, fundamental para o conhecimento das sociedades humanas do Passado e do ambiente em que se desenvolveram, tem sido difícil de praticar no nosso país em resultado da falta de meios disponíveis para a investigação científica.

M.: O projecto Sado foi outro dos programas integrados de investigação arqueológica que dirigiu (com Françoise Mayet), e que resultou de parceria entre o MAEDS e a Universidade de Bordéus. Este projecto com a duração de uma década e a publicação de cinco livros monográficos mereceu a atribuição a si e à sua colega do prémio Gulbenkian Arqueologia 2004. Quais as principais contribuições daí resultantes?

C.T.S.: Escavámos e estudámos centros produtores de ânforas que serviram a exportação de preparados piscícolas do Sado para o mundo romano próximo e para cidades distantes, como Roma. No âmbito do mesmo projecto foi descoberta, escavada e publicada integralmente a feitoria fenícia de Abul. Um sítio ímpar e incontestável do Passado português e mediterrâneo. Foi recentemente classificado como monumento nacional. Infelizmente encontra-se votado ao abandono. Não basta classificar...É necessário valorizar e conservar.

M.: Os anos dedicados ao projecto Sado fluíram com a tranquilidade de um programa bem planeado, com financiamento assegurado, motivado exclusivamente por objectivos científicos. Digamos que para a sua carreira, alicerçada no desafio imposto pela arqueologia de salvamento, foi um oásis, e também uma fase de internacionalização ?

C.T.S.: O projecto Sado, que abrangeu a década de 1990 e os primeiros anos da década seguinte, decorreu de forma exemplar. Para além da prospecção das margens do Baixo Sado e das escavações arqueológicas realizadas nos sítios de Pinheiro e Abul, procedeu-se ao tratamento e estudo de toda a informação recolhida e por fim à sua publicação através de artigos em revistas da especialidade, de livros monográficos e de publicações de divulgação. As monografias foram escritas em francês e editadas em Paris o que desde logo garantiu o acesso da comunidade científica internacional à informação disponibilizada. A descoberta da primeira feitoria fenícia na fachada ocidental da Península ibérica, em Abul, foi sem dúvida o principal motivo dessa internacionalização. Mas não se pense que estou nessa corrida desvairada da chamada internacionalização que move muitos dos académicos que estão a iniciar as suas carreiras ou preocupados com

a progressão na mesma. Existe neste momento, dominado por renhida competição capitalista neo-liberal, um verdadeiro controlo internacional da publicação científica, exclusivamente em inglês, por *lobbies* que crivam, de acordo com revisores todo-poderosos, o conhecimento que se vai produzindo. Estes revisores comportam-se como guardiões de uma ciência oficial aceite pelo *status quo* do centro do sistema político e decisório, que na realidade distribui os recursos financeiros de acordo com critérios não necessariamente favoráveis ao livre desenvolvimento da investigação, particularmente nas periferias do sistema. Estejamos atentos à acção do comissário europeu para a ciência Carlos Moedas, no que respeita ao incremento deste sector de actividade em Portugal. A longo prazo, a actual estrutura organizativa do trabalho científico levará à destruição da diversidade linguística, à homogeneização e unicidade do pensamento, de acordo com a ideologia dominante dos países mais ricos que detêm um poder de escala planetária.

M.: Acha então que se deve continuar a publicar ciência em português?

C.T.S.: É claro que sim, pois é fundamental não só para a afirmação da língua portuguesa no mundo, como para a manter viva. Nada mais inconveniente do que ministrar em Portugal cursos de formação superior exclusivamente em inglês, como parece suceder em algumas universidades de Lisboa. Hoje a tradução está completamente facilitada através das novas tecnologias. Não vejo nenhuma razão válida para que os produtores culturais portugueses não se expressem na sua língua, valorizando-a.

M.: Mas voltemos atrás. Sabemos que gosta de se definir como um arqueólogo de campo. Da sua vasta experiência avulta a que desenvolveu como arqueólogo do Gabinete da Área de Sines. Neste contexto costuma ser considerado um dos primeiros arqueólogos profissionais e um dos que contribuíram para a implantação da Nova Arqueologia em Portugal.

C.T.S.: Passava o ano de 1972, e a Primavera marcelista ensaiava em Sines a teoria dos polos de crescimento. O país fazia um esforço para queimar etapas e para se aproximar de uma Europa muito mais desenvolvida. Pela primeira vez em Portugal, a arqueologia é colocada ao lado da biologia, geologia, geografia no planeamento e ordenamento de um território que iria ser objecto de profunda mutação, através da instalação de vasto complexo portuário e urbano-industrial. Havia, pois, que proceder à prospecção arqueológica desse território por forma a identificar e escavar os arqueossítios que iriam ser afectados pela implementação das obras do referido complexo. As-

sim, o Gabinete da Área de Sines criou um Grupo de Trabalhos de Arqueologia (GTA) para o qual fui convidado e que passei a dirigir a partir de Maio de 1974, ano em que é fundado o MAEDS, com o qual o GTA passa a desenvolver uma parceria estratégica na maior parte dos seus projectos. Após a extinção do Gabinete da Área de Sines, na segunda metade dos anos 80, o GTA deu lugar à Unidade de Arqueologia do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, por mim coordenada, mantendo-se a parceria com o MAEDS. Os resultados dessa actividade revelaram-se do maior interesse, antes de mais para o conhecimento da evolução da ocupação humana do Alentejo litoral, mas com fortes implicações à escala nacional e da Península ibérica. Com efeito, ao identificarmos e escavarmos extensos povoados do Mesolítico e Neolítico antigo, como Vale Pincel I, demos significativos contributos para o conhecimento do processo de neolitização na Europa atlântica. Produziram-se também avanços relevantes nos estudos sobre as adaptações das comunidades pré-históricas holocénicas aos meios marino-estuarinos, particularmente visíveis em jazidas de tipo concheiro como o da Praia do Castelejo (Vila do Bispo), Medo Tojeiro, em Almogrove, Samouqueira em Porto Covo. A Idade do Bronze foi outro dos domínios em que se produziram apreciáveis inovações no que respeita à organização social, aos padrões de povoamento, com a identificação dos primeiros povoados da cultura do Bronze do Sudoeste Peninsular, e aos rituais funerários. Não posso ainda deixar de referir as escavações arqueológicas e os respectivos estudos publicados sobre a ocupação romana da Ilha do Pessegueiro, que consideramos corresponder à ilha de *Poetanium* referida na Ora Marítima de Avieno; a sua vocação portuária e localização geoestratégica em uma costa com escassos abrigos conferiram-lhe enorme importância nas navegações mediterrâneo-atlânticas.

M.: Depois o projecto Alqueva... Foi co-autor do primeiro ensaio de avaliação do impacto da construção de uma barragem sobre o património cultural e especialmente arqueológico. Tem ideia de como este trabalho pioneiro e o projecto que o motivou foram importantes para o alargamento do mercado de trabalho para os arqueólogos que estavam a sair das nossas universidades?

C.T.S.: A acção de salvamento arqueológico da área do regolfo da barragem de Alqueva foi, a seguir à do Gabinete da Área de Sines, a que mais profundas transformações provocou na organização da Arqueologia portuguesa e sua acreditação científica e mesmo cultural. É com este projecto que a arqueologia começa a ser considerada nos estudos de impacte ambiental. Tive o privilégio de co-dirigir com Joaquina Soares e José Manuel Mascarenhas a prospecção arqueológica e patrimonial da área do regolfo da barra-

gem (1985-86), trabalho de campo que originou um relatório exaustivo, base para a organização do programa de salvamento arqueológico e patrimonial que antecedeu a construção deste mega-emprego, bem como publicar o primeiro modelo teórico para o estudo do impacte de obras sobre o património arqueológico. Na fase de implementação das medidas minimizadoras desse impacte, co-dirigi com Joaquina Soares um projecto de escavações e estudo de jazidas hoje submersas do Neolítico médio, ainda por publicar, e do Calcolítico, nomeadamente a fortificação do Porto das Carretas, na margem esquerda do Guadiana, concelho do Mourão, objecto de doutoramento daquela arqueóloga. De facto, o projecto Alqueva, quer na área do regolfo, quer na da rede de rega, criou um inusitado mercado de trabalho, responsável pela criação de numerosas pequenas empresas, quase todas da iniciativa de arqueólogos, na lógica de auto-emprego, o que veio viabilizar a profissionalização de recém licenciados em arqueologia.

M.: Quase a terminar a nossa entrevista, tempo ainda para nos falar do MAEDS.

C.T.S.: A Revolução de 25 de Abril provocou transformações profundas no país, foi de facto uma Revolução económica, social, política e cultural. Ainda no mesmo ano [1974] foi fundado o MAEDS. Para o reconhecimento da arqueologia urbana foi decisiva a experiência no terreno deste museu. A primeira musealização *in situ* em Setúbal [da oficina de produção de preparados de peixe da época romana da Travessa de Frei Gaspar] foi difícil e mal amada, embora se tratasse de procedimento corrente na Europa desenvolvida. O primeiro *Encontro Nacional de Arqueologia Urbana* realizou-se em Setúbal, em 1985, promovido pelo MAEDS.

O Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS responde por várias linhas e projectos de investigação, a par de frequentes intervenções no domínio da arqueologia de salvamento. Desenvolve a sua actividade sobretudo em parceria com instituições congéneres numa perspectiva pluridisciplinar. Seria fastidioso enumerar aqui as numerosas escavações arqueológicas e estudos produzidos no âmbito do CEA, mas não posso deixar de destacar os trabalhos pioneiros realizados na colina do Castelo de Alcácer do Sal, onde obtivemos uma sequência estratigráfica com 6m de espessura, verdadeiro *tell* que permite ler a história da mais importante cidade da Antiguidade do paleo-estuário do Sado. Agora, à distância, compreendo como estas campanhas arqueológicas prepararam o projecto Sado que viria a decorrer duas décadas mais tarde. A cidade orientalizante de Alcácer do Sal, importante nó de articulação do império comercial fenício do Ocidente, controlado por Gadir, fora afinal em grande parte estimulada por mediação da feitoria de Abul, de cuja existência não suspeitávamos nas décadas de 70

e 80. O conhecimento constrói-se por integração sucessiva da informação que vai chegando. Nesta óptica, também a escavação e estudo do estabelecimento romano de produção de salgas e molhos de peixe, do Creiro (Arrábida) foi um antecedente ou mesmo sinal premonitório do projecto Sado. As navegações e a economia marítima são aliás temas recorrentes não só do sector de investigação mas também da intervenção educativa e cultural do museu. Mas olhemos agora para a Pré-história, onde destaco os estudos sobre o povoamento calcolítico do sul do país, que nos permitiram dar a conhecer os primeiros povoados desse período no Baixo Alentejo e Algarve, dos quais a fortificação do Monte da Tumba, no Torrão é um bom exemplo. Esta linha de investigação dirigida para o III milénio A.C. continua na agenda do CEA/MAEDS, presentemente consubstanciada no projecto plurianual desenvolvido no Castro de Chibanes (Palmela). Outra importante linha de investigação que o CEA tem vindo a concretizar centra-se nas adaptações das sociedades pré-históricas às zonas húmidas; jazidas como os concheiros neolíticos da Comporta, os sítios da Ramalha (Almada) e da Ponta da Passadei-

ra (Barreiro) são referências obrigatórias. Além dos projectos anteriormente citados, a neolitização da Península de Setúbal (sítios do Gaio, Moita e Casal da Cerca, Palmela) e Alentejo Litoral constitui uma persistente área de estudo, pois trata-se de um tema da maior relevância para o conhecimento da evolução das sociedades humanas, de âmbito supra-local ou mesmo global.

M.: Cinquenta e um anos volvidos sobre a sua iniciação em arqueologia, quais são os seus principais objectivos?

C.T.S.: Apenas um, estudar e publicar os resultados dos trabalhos de campo de minha responsabilidade ainda inéditos.

M.: Apenas um?

C.T.S.: Claro. Aí estão implícitos muitos outros...

Victor S. Gonçalves

A Arqueologia e a Fotografia

Victor S. Gonçalves nasceu em Setúbal, a 14 de Maio de 1946. Presentemente, é Professor catedrático da Universidade de Lisboa, onde dirige, na Faculdade de Letras, a área de ensino em Arqueologia e o Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), que fundou.

Esta conversa-entrevista, conduzida por Anne de M, adaptada e traduzida do francês pelo entrevistado, foi feita a propósito da Exposição «O Cabeço do Pé da Erra, uma pequena quinta da Idade do Cobre no Vale do Sorraia» (Faculdade de Letras de Lisboa, 28 de Fevereiro a 11 de Abril de 2013).

AdM: Começo por um comentário, e não por uma pergunta: há em todas as tuas fotografias, pelo menos nas que vi directamente, um profundo toque intimista. Quer se trate de uma paisagem ou de um artefacto arqueológico, de uma macro de cerâmicas, fotografas com um entusiasmo contido, vê-se que há outras coisas para além do que mostras...

VSG: Sempre pensei que o olhar não se deve deter na casca, ainda que ela seja muito importante e justifique atenção de per se. É preciso descascar a cebola, para chegarmos ao seu núcleo, e não sabemos se atingir o núcleo é, ou não, mais importante que o simples processo de a descascarmos. Um pouco como as mulheres, quanto mais nos aproximamos do que está por dentro, mais o medo nos assalta. Claro que é muito fácil não o fazermos e registarmos apenas o exterior das coisas (ou das mulheres...).

AdM: Nem comento... E, já agora, uma coisa que se vê imediatamente é que as pessoas raramente são o motivo central do que fotografas. Salvo algumas imagens antigas, da Serra do Algarve, não encontrei muitos retratos nas pastas de fotografias que vi... Fotografias de cachimbos, alguns belíssimos, de tabaco para cachimbo, de Darjeeling... mas poucas imagens de pessoas...

VSG: Não é bem assim. Não conheces os álbuns da Ana Constança e do João, por exemplo, nos seus tempos de Tansa e Ovo. Mas há alguma verdade no que dizes, tenho um olhar tímido para com pessoas. Estive em África, onde vi mulheres lindíssimas, no Deserto, e não fotografei nenhuma delas. Pensava sempre que

não as podia tratar como bichos, zebras ou avestruzes, e sentia muitas reservas em fazê-lo. Depois, a oportunidade passava. Tenho alguns autoretratos aceitáveis, mas fotografar outras pessoas, uma a uma, foi sempre muito difícil para mim. Faço-o para documentar coisas, gente que escava comigo, por exemplo, mas não gosto particularmente de o fazer. Quanto aos cachimbos, é verdade que tenho alguns de referência e não hesito, de quando em quando, em fotografá-los. Em contrapartida, sempre fumei muito pouco. Preciso de tranquilidade, um sol pôr, uma companhia tranquila... Com os Darjeeling, e mesmo com os chás em geral.

AdM: Outra coisa que vejo, e relacionada com isto, é a tua preocupação em fotografares paisagens sem ninguém.

VSG: As paisagens de hoje são quase todas resultado da acção humana, o Homem está por detrás do que de bom ou mau existe nelas. Colocar humanos numa paisagem parece-me redundante. E mesmo, às vezes, de mau gosto. No entanto, há uma fotografia a preto e branco, mal impressa ainda por cima, no primeiro volume da minha tese de doutoramento... É um momento das colheitas, perto da aldeia da Mealha, no Alto Algarve Oriental. É uma imagem de que ainda hoje gosto muito. É discreta, mas forte, e as proporções, o enquadramento e o tipo de olhar são os meus.

AdM: O que também vemos em muitas das tuas fotografias é um enquadramento exemplar e de autor. Levas muito tempo a procurar o ângulo ideal?

VSG: Pelo contrário, continuo a pensar que as minhas melhores fotografias resultam de enquadramentos instantâneos, intuitivos. Se nasci com jeito para alguma coisa foi para ver situações, objectos, artefactos, ou partes deles, de uma maneira específica. Tenho uma fotografia de Casas Novas e outra do Cabeço do Pé da Erra que saíram assim. Numa delas, duas colaboradoras minhas vão para a escavação quase de mãos dadas, avançando para o nevoeiro da manhã. Na outra, que abre esta exposição, alguém descia da Área 2 para a Área 1 e disparei sem sequer enquadrar. Tecnicamente pode até nem estar grande coisa, mas na verdade foi um disparo automático, numa reacção de avos de segundo, e só foi possível porque eu tinha a máquina na mão,



preparada para fotografar um caco que tinha acabado de aparecer. Foi só virá-la e disparar.

AdM: Mas eu gosto muito dessa fotografia. A rapariga nem percebeu que estavas a fotografá-la e isso é sempre bom. E a metáfora, bem como o textozinho que escreveste para a legenda, são excelentes. Curioso que alguns dos teus textos, mesmo quando não têm fotografias a acompanhá-los, dão a ideia que poderiam ter...

VSG: Talvez porque gosto de escrever e gosto de fotografar. Mas sendo duas coisas muito diferentes, em sentido estrito, deveria dizer que escrevo por impulso, a ponto de encostar o carro na berma da autoestrada e tomar notas, e não posso dizer que não faço o mesmo quando fotografo em exterior. Como tantas outras coisas, a escrita e a fotografia fornecem produtos isolados, mas que, em dados momentos, estão profundamente conectados. Cada um deles ganha com o outro.

AdM: Bem, apesar de perceber pouco de Arqueologia, devo dizer que as tuas fotografias de artefactos arqueológicos são muito interessantes, particularmente quando sais da fotografia documental das peças inteiras para os pormenores. Vi já imagens notáveis de detalhes das placas de xisto gravadas (o que chamas o Álbum Escondido) e das cerâmicas decoradas. Não é apenas fotografia científica, é sobretudo o que tu vês nas coisas, ou em parte delas. E esta exposição é absolutamente híbrida: tem aspectos da escavação arqueológica e dos materiais como foram encontrados e como ficaram depois do restauro, fotos de grupo ou individuais, e uma série de detalhes de árvores, mortas ou não. E uma brincadeira com Afrodite e Diomedes. Ver a Deusa aparecer junto a troncos ocos e semi-queimados é uma verdadeira surpresa. E a gracinha sobre o Lenine do Dali...

VSG: Na verdade, esta exposição é também documental, não é só gozo, também é trabalho!! Várias imagens serão usadas na monografia. As coisas são sempre elas próprias e os seus componentes e podemos vê-las das duas maneiras. Há momentos, e fragmentos de escrita, que ganham vida própria se os soubermos ver. E, também, fotografar. Quando era muito novo, havia uma imagem, talvez de um sonho, que depois apareceu numa publicidade qualquer (pelo que também devia ser o sonho de outro), o que estragou quase tudo. Uma imagem que me assombrava: uma desconhecida, envolta em neblina, numa gare por onde passava, sem parar, o comboio onde eu ia. Não sei porquê, lembrava-me sempre dos romances de Raymond Chandler, que li muito cedo, e particularmente do Big Sleep, que não tem nada a ver com isto, mas talvez tenha. A sombra, a neblina, as mulheres belas e desconhecidas, que sabe-

mos não ir ver outra vez, fazem-me pensar que deveria ter saído do comboio em andamento. Mas o receio de uma terrível desilusão (ou o medo de cair à linha) levou-me sempre a não o fazer.

AdM: Quando tentei ler, com o meu mau português, o teu livro sobre a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, surpreendi-me com a violência das páginas iniciais (nem o meu dicionário chegava para apoiar a tradução, nem eu percebia algumas das metáforas que tu tanto gostas de usar). Um absoluto contraste com a meticulosidade do texto «arqueológico». Como a descrição ao milímetro daquela grande placa de xisto recortada, que tão bem fotografaste. E aquela ideia de ritmares a parte central do livro com o Concerto para violino e orquestra op. 77, de Brahms, pareceu-me uma coisa do outro mundo...

VSG: ...de um outro mundo, queres tu dizer, porque ele há muitos... E aproveito para dizer que gosto muito mais de música de câmara que de música «sinfónica». A intimidade de um quarteto ou de um quinteto é preciosa para quem, como eu, detesta multidões. E Brahms abre mundos entre o restrito e o mais amplo. Quando era mais novo, gostava muito dele, agora talvez um pouco menos. Vou hoje ouvir a Linda Batiashvili tocar, e é justamente o Concerto para violino e orquestra op. 77, e logo te digo se não mudei de ideias. Naquela altura, enquanto escrevia a monografia sobre STAM-3, com alguma tristeza contextual, se não mesmo desespero, achei que, para a construção daquela parte nuclear do livro, era indispensável seguir o op. 77.

AdM: ...claro, mas tudo isso contrasta visivelmente com o universo em que escreveste sobre as placas de xisto do Monte da Barca, por exemplo. Poucas vezes te vi tão tranquilo, ainda que sempre na crista da onda: quem citaria naquela altura a Lebre com olhos de âmbar?

VSG: Bem, foi por um quase acaso que li as primeiras páginas do livro, uma semana depois de ter sido editado em Inglaterra. Nunca conseguiria escrever uma coisa assim, mas isso não me impede de ter entrado num estado de leitura exclusiva, lenta e tranquila. Normalmente, leio dois ou três livros ao mesmo tempo, quando não quatro, e não contando com os de Arqueologia. Mas li a lebre até ao fim, sem qualquer outro a acompanhá-la. Claro que isto não tem nada que ver com STAM-3, com o Monte da Barca ou o Cabeço do Pé da Erra. Mas tem. A lebre não é um livro excepcional, mas é um livro muito bom, tomado como um todo, papel incluído. Pensei mesmo em reproduzir a capa junto à citação que dele fiz, com aquele fabuloso tom de azul desmaiado que a edição hardcover inglesa tem... E a não-cor das fotografias... já old quando foram tiradas...

AdM: E aqueles textozinhos extra terrestres que separam secções da Exposição querem dizer o quê?

VSG: Sempre gostei de citar autores e passagens que penso fazerem sentido, por empatia ou recusa, em relação aos meus próprios textos. Com o tempo, veio-me o hábito de citar autores imaginários ou lugares impossíveis. No prefácio ao livro da Ana Catarina, escrevi mesmo que tinha nascido bem longe daqui, em Kuala Lumpur... Mas também fui sempre assaltado pela memória de pequenas passagens verdadeiras, o que tive de resolver o melhor possível. Não é raro encontrar uma passagem num livro que estou a ler e parece-me logo vê-la a abrir um capítulo de livro meu, ou mesmo o livro todo. De livros ou artigos que estou a escrever ou que irei escrever. Um exemplo é o primeiro livro de síntese sobre as placas de xisto gravadas que estou a acabar há anos: como não citar, logo a abrir, a Coraline do Neil Gaiman? Impossível. Mas é verdade que há muitas citações que invento. Tenho pena de não frequentar os Arquivos de Cassiopeia, de não ter entre os meus livros *Os Escritos de Iis*, *As Crónicas de Sarnath* (com uma vénia a Lovecraft) ou *Os escritos do Graluz* (com outra vénia, desta vez a Frank Herbert e aos Gowachin). Paciência... que hei de fazer? As coisas passam a existir quando dizemos os seus nomes.

AdM: Mas há alguns textos, teus ou adaptados por ti, que estão carregados de sentidos que se apresentam ocultos. E um deles é mesmo teu. Tomei nota dele. É o seguinte: «Como vejo mal, fotografo. Como tenho má memória, fotografo. De preferência, grandes paisagens ao entardecer. E coisas pequeninas. Ou fragmentos de coisas. Não sei nem quero saber porquê. Se quisesse, sabia. Mas não quero. É assim. Vivemos como podemos, fabricando imagens com o olhar e guardando-as num rectângulo digital. As noites de Lua Cheia vêm depois.»

Como uma menina aplicada, li umas quatro vezes esse pequeno texto. Para quem se recusa a entrar no Facebook, para se não expor publicamente, não está mau. E continuas a escrever como um francês, como sempre fizeste, apesar das tuas citações serem agora maioritariamente em inglês...

VSG: O latim acabou e apesar de ter sido péssimo aluno a grego o segundo sempre me soou muito melhor que o primeiro... Para desconforto pessoal de quem sempre leu em francês, desde criança, o inglês é agora o latim de outros tempos. Que fazer? E, quanto à exposição pública de gostos e sentimentos, de leituras e músicas, recorda-te das notas (auto) biobibliográficas dos meus livros. Não está lá tudo, mas alguma coisa é sempre alguma coisa. E esta exposição é para um público pequeno, e para alguns amigos, que me conhecem já um pouco. Quanto às noites de Lua Cheia, é melhor não falarmos disso...

AdM: E, para terminar, quem fotografou o fotógrafo?

VSG: Fui talvez o primeiro arqueólogo moderno em Portugal a apresentar, em livros de Arqueologia, imagens de retrato do autor. Por uma questão de coerência, penso que a ciência tem cara (ou caras). Muitas das minhas fotografias, reproduzidas em livros meus, foram feitas por pessoas que estavam comigo no terreno, em trabalho de campo, a Ana Margarida Arruda, a Ana Catarina Sousa (e ambas, por razões diferentes, detestam fotografar), a Ana Constança ou o João, a Rosa Nunes, no caso da visita que fez com o Carlos Tavares da Silva a Casas Novas, a Emili Nordén Ramos e, num aperto, até a Cleia Detry ajudou... Mas, tirando o caso da Rosa Nunes, a escolha dos enquadramentos foi sempre minha e, em outras situações, usei o temporizador, o que é horrível, porque nos obriga a correr para o plano previamente escolhido. E nos dá pouco tempo para nos fixarmos numa postura «natural»...

AdM: Agora, mesmo a acabar: o que vem a seguir?

VSG: Não sei, raramente sei. Talvez uma exposição sobre placas de xisto gravadas no Museu Nacional de Arqueologia ou no Museu da Assembleia Distrital de Setúbal. Talvez em 2016 faça uma última exposição, sem Arqueologia, com nocturnos, manhãs ou fins de dia com cores suaves, paisagens urbanas semi-destruídas, corvos e mochos, falcões e corujas, cachimbos e espuma do mar. Ou não.

A exposição a que se refere esta entrevista (Faculdade de Letras de Lisboa, 28 de Fevereiro a 11 de Abril de 2013) destinava-se, parcialmente, a ilustrar os trabalhos de campo que decorreram em 2012 e 2013, no Cabeço do Pé da Erra, uma quinta da Idade do Cobre sobre o Vale do Sorraia (Coruche). Uma pequena secção mostrava já estruturas e materiais de um sítio vizinho de grande importância, o Barranco do Farinheiro.

Ao longo de 40 metros, apresentavam-se vários temas, desde opiniões pessoais sobre Arqueologia, e alguns textos de autor, a uma selecção de árvores mortas, infelizmente reduzida, por falta de espaço. As estruturas e os materiais eram documentados por si próprios, mas também na sequência descoberta/ recolha/ restauro/ desenho/ fotografia. Há imagens que têm que ver consigo mesmas, outras com a paisagem, mas a maioria representava leituras de arqueólogo, com o registo impessoal que isso normalmente implica, aqui profundamente questionado ou contaminado pelo olhar de um «fotógrafo» amigo de árvores e paisagens, de gatos e de airdales terrier, que tem como ex-libris um tigre de Júlio Pomar e o Gingko biloba, do Oriente-Occidente de Goethe...



Victor S. Gonçalves fotografando no Cabeço do Pé da Erra (2012).



Vendo imagens, na abertura da Exposição. De perfil, António Sampaio da Nóvoa. Foto Francisco Gomes.



O grupo "Os Letrinhas", da Faculdade de Letras de Lisboa.



Aceitam-se (e encorajam-se) olhares divergentes.



Dois vasos cerâmicos do 3º quartel do 3º milénio em princípio de escavação.

AdM: E aqueles textozinhos extra terrestres que separam secções da Exposição querem dizer o quê?

Texto 1

This land is your land, this land is my land
From California to the New York Island
From the Redwood Forest to the Gulf Stream waters
This land was made for you and me.

Canção dos colonos calcolíticos do 3º milénio, reescrita por Woody Guthrie no séc. 20

Texto 2

The old martian names where names of water and air and hills. They where the names of snows that emptied south in stone canals to fill the empty seas. And the names of sealed and buried sorcerers and towers and obelisks. And the rockets struck at the names like hammers, breaking away the marble into shale, shattering the crockery milestones that named the old towns, in the rubble of which great pylons were plunged with new names: IRON TOWN, STEEL TOWN, ALUMINUM CITY, ELECTRIC VILLAGE, CORN TOWN, GRAIN VILLA, DETROIT II, all the mechanical names and the metal names from Earth. And after the towns were built and named, the graveyards were built and names, too: Green Hill. Moss Town, Boot Hill, Bide a Wee; and the first dead went into their graves...

Ray Bradbury, The Martian Chronicles (vs, 1997, 2006), The Naming of Names

Texto 3

Penosamente subiam o Rio.
Com arcos preparados
e facas prontas.
Lembravam-se de curtos passados,
o futuro seria branco de lã,
verde de trigo,
dourado de cobre.
Mas contava pouco.

As crónicas de Iis, passagem do relato da 3ª colonização.

Arquivos de Cassiopeia

Texto 4

Apart from the fact that I naturally take the trouble to organize my material so that the audience can easily grasp it, I must be honest and say that beyond that I don't have the public in my thoughts for one moment. Consciously, I don't do anything

to "please" the public. I only think of working my way to a solution that satisfies my own artistic conscience. And I believe, you know, that is the right way to work. At least I have had the experience in a couple of cases where, forced or voluntarily, I did compromise and it was only detrimental to me.

Carl Theodor von Dreyer, entrevistado em 1950.10.23

Texto 5

Para nos abrigar, amontoámos pedras
e sobre elas pusemos ramos e barro.
Ficámos juntos, num espaço pequeno
e defendido.
Mas vemos sempre a curva do Rio
e a Ribeira perto de nós.
Por cima, as aves,
a que chamávamos nomes quase esquecidos durante a grande viagem.
E depois,
o verde do Mundo,
a luz da Lua cheia,
as tardes de Sol,
o clarão dos Olhos da Deusa.
Somos tão poucos, quase não temos memória.

Conversa de um ancião com um antropólogo Gzilt, Arquivos Tau Ceti, Categoria 17, Sector da Auto-Compaixão dos Grupos Quase Extintos.

Texto 6

The drone Hassipura Plyn-Frie was the size and shape of a large grey suitcase. A rather battered and dusty large grey suitcase. Its scaped, slightly dented casing glinted in the sunlight where it had been polished by the sand in the wind, or had been scraped against stones. If it was showing an aura field, it was been washed out by the brilliant sunlight. But probably it wasn't; it never had in the past, not as long as Tefwe had known it. "Anyway, I am not persuaded that memories do only accrete", the drone told the woman. "Even without the intrinsic limitations of a conventional biological brain, what one forgets can be as important and formative as what one remembers."

Ian Banks, The Hydrogen Sonata, Orbit, 2012.

Separador: arte xávega, reparação de aprestos. Costa da Caparica, postal ilustrado, fotografia de António Carreta Passaporte (Loty), década de 1960, MN COS 127. No verso, pinturas na anteparada da ré da embarcação Meia Lua (pormenor da Fig. 2, p. 265).